

ENTRELACES POÉTICOS: JOSÉ CRAVEIRINHA E PEDRO CASALDÁLIGA

POETIC INTERTWISTS: JOSÉ CRAVEIRINHA AND PEDRO CASALDÁLIGA

Larissa Aparecida dos Santos Claro¹
Epaminondas de Matos Magalhães²

Recebimento do Texto: 29/03/2025

Data de Aceite: 22/04/2025

Resumo: O estudo busca tecer algumas reflexões, a partir dos entrelaces poéticos de Casaldáliga e Craveirinha. Tantas vozes silenciadas em diversos períodos e lugares, não só silenciadas, mas esquecidas, apagadas. A Literatura promove esse regaste, traz à luz esses nomes e possibilita àqueles que se apoderam de um instante de leitura, ou mesmo seguem adiante com pesquisas mais aprofundadas, novas reflexões, novos olhares e, assim, a revelação do compromisso social que se deve ter para além das palavras. O objetivo da pesquisa está pautado em uma análise das poesias: “Ode à Teresinha” de José Craveirinha e “A prostituta” de Pedro Casaldáliga - vozes femininas silenciadas.

Palavras-chave: Casaldáliga e Craveirinha. Literatura. Vozes silenciadas.

Abstract: This study seeks to weave some reflections based on the poetic interweaving of Casaldáliga and Craveirinha. So many voices silenced in different periods and places, not only silenced, but forgotten, erased. Literature promotes this recovery, brings these names to light, and enables those who seize a moment of reading, or even pursue more in-depth research, to gain new reflections, new perspectives, and thus reveal the social commitment that must be felt beyond words. The objective of the research is based on an analysis of the poems: “Ode à Teresinha” by José Craveirinha and “A Putra” by Pedro Casaldáliga - silenced female voices.

Keywords: Casaldáliga and Craveirinha. Literature. Silenced voices.

1 Doutoranda do pelo Programa de Pós-graduação em Estudos literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL-UNEMAT- Tangará da Serra) e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade do Estado de Mato Grosso (UFMT- Cuiabá). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura. E-mail: larissa.claro@unemat.br

2 Epaminondas de Matos Magalhães possui Doutorado em Letras- Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014), Mestrado em Estudos de Linguagem, área de concentração Estudos Literários, pela Universidade Federal de Mato Grosso (2010). Atualmente é professor efetivo do Instituto Federal de Mato Grosso- Campus Pontes e Lacerda, atua como professor do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Ensino (IFMT/UNIC) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT/Tangará da Serra). E-mail: epaminondas.matos@unemat.br

Introdução

Poéticas de silêncio em Casaldáliga e Craveirinha, caminhos que se entrelaçam, a produção de suas escritas perpassam suas vivências e os autores lutam ao lado dos excluídos, subalternos e injustiçados. O que os une? Em que se assemelham? A resistência e o engajamento diante do espaço que escolheram para viver e, por meio de suas produções, não só romperam com tantas vozes silenciadas, como os ecos continuam promovendo reflexões e resgates dentro do cenário literário, promovendo novas leituras, releituras e aproximação dessas vozes.

De um lado, um bispo-poeta e, de outro, um poeta moçambicano, ambos nos poemas “A prostituta” e “Ode à Teresinha” versam sobre uma mulher-prostituta, uma no interior de Mato Grosso e outra em um bairro famoso de Moçambique – Mafalala, ambos estabelecem um pacto histórico (local), assemelham-se diante das imagens. Não se pretende uma discussão acerca do gênero, mas uma reflexão diante do silenciamento imposto por uma sociedade a essas mulheres excluídas e subalternas, para além do meio em que se encontram inseridas, pois se está diante de um fazer poético universal-coletivo – essas mulheres representam tantas outras, ainda hoje marcadas por violências, sem identidades, submissas.

É importante ressaltar a relevância de Casaldáliga e Craveirinha, em épocas distintas, escrevendo sobre mulheres, que se encontram à margem da sociedade. Tão importante ter a presença masculina falando sobre a mulher, promover reflexões dentro de uma construção poética de cunho social e histórico, pois a sociedade ainda se encontra, em grande parte, refém da dominação masculina.

A literatura, nesse contexto, é fundamental para representar essas vozes femininas silenciadas no meio social e identitário, colocando-as em igualdade perante a sociedade. Esses textos escritos por poetas verdadeiramente engajados, contribuirão significativamente para retirar essa mulher que vive à margem da sociedade, mesmo sabendo das diferenças existentes por ser uma mulher brasileira e a outra moçambicana, a tentativa do apagamento é o mesmo. Nesta perspectiva, o artigo propõe uma leitura dos poemas “Ode à Teresinha” e “A prostituta”, com o recorte temático da “mulher” excluída, injustiçada e silenciada. Dois poetas que

não se intimidaram diante do meio opressivo que viveram, pelo contrário buscaram para essas mulheres um lugar de fala, de pertencimento.

Craveirinha e Casaldáliga

Aliás, eu entendo que o poeta é sempre 'os outros'. Ele quando escreve está a pensar nos outros. É por isso que às vezes as coisas coincidem e tornam-se profecias. É essa capacidade dele visionar o que poderá ser o amanhã.
(Craveirinha)

José Craveirinha nasceu em 28 de maio de 1922 em Xipamanine – Lourenço Marques, atual Maputo, é filho de pai português e mãe africana, pertencente à etnia ronga. Foi ela responsável pelas as tradições africanas que Craveirinha recebeu, assim pode escolher como cidadão e escritor a África. Colaborou para o Brado Africano quando pôde escrever sobre a população desprotegida, como também denunciou o racismo no jornal Notícias. Foi preso por fazer parte de um movimento nacionalista, que tinha como luta a independência de Moçambique do domínio português. Escreveu desde muito cedo, mas suas publicações só aconteceram bem mais tarde. Suas poesias são marcadas pela luta da independência, justiça social, anticolonialismo, utopia, resistência e vozes silenciadas, Craveirinha em um depoimento, narra como foi seu nascimento

Nasci a primeira vez em 28 de Maio de 1922. Isto num domingo. Chamaram-me Sontinho, diminutivo de Sonto [que significa domingo em ronga, língua da capital]. Pela parte de minha mãe, claro. Por parte do meu pai fiquei José. Aonde? Na Av. do Zichacha entre o Alto Maé e como quem vai para o Xipamanine. Bairros de quem? Bairros de pobres. Nasci a segunda vez quando me fizeram descobrir que era mulato... A seguir fui nascendo à medida das circunstâncias impostas pelos outros. Quando meu pai foi de vez, tive outro pai: o seu irmão. E a partir de cada nascimento eu tinha a felicidade dever um problema a menos e um dilema a mais. Por isso, muito cedo, a terra natal em termos de Pátria e de opção. Quando a minha mãe foi de vez, outra mãe: Moçambique. A opção por causa do meu pai branco e da minha mãe negra. (MENDONÇA; SAÚTE, 1989, p.viii-x)

Craveirinha é reconhecido como um dos maiores poetas de Moçambique, seu comprometimento com seu meio é nítido em sua escrita, recorre ao passado como uma fonte de destacar suas raízes, dar voz ao seu povo. O espaço promove o sentido de suas produções, o colonialismo é acentuado, o negro reconhecido como parte da história e liberto de todo sofrimento, dessa forma, encontra-se em seus poemas um inconformismo, denúncias, protesto e resistência. O seu lugar de fala- Mafalala- deixa mais evidente a luta por sua identidade e de seu povo, ao mesmo tempo, apresenta uma sociedade marginalizada e massacrada, com isso há um percurso sendo construído por pessoas e espaço.

Entre o Craveirinha e a Mafalala, a proximidade não é só física, persistindo uma relação mais funda: naquelas ruas de areia inscreve-se uma história da sociedade moçambicana que a sua poesia, por vias diversas, também quer contar. Tal significa que percorrer seus becos e vielas é também um modo de apreender as imagens com que o poeta fala da terra e suas gentes. Se o próprio escritor disponibiliza-se como guia para atravessar o sinuoso traçado do bairro, a vivência multiplica o interesse, pois acrescenta-se a tanto a possibilidade de perceber também como os habitantes do lugar lêem o ‘ZÉ’-tratamento que carinhosamente lhe conferem, deixando, no entanto, transparecer que a intimidade não aplana o orgulho com que, diante de outros visitantes, recebem um de seus símbolos. (CHAVES,1999, p.142).

Pedro Casaldàliga nasceu em 16 de fevereiro de 1928, em Balsery (Barcelona), durante sua infância, a Espanha vivia um ambiente anticlerical e de instabilidade em decorrência do advento da República e da Guerra Civil. Após a Guerra, Casaldàliga entra para o seminário. Aos doze anos, descobriu a vocação para poeta. Tendente aos estudos filosóficos, no seminário, fez uma tese sobre Heidegger e o existencialismo de Unamuno e de Marcel Proust.

Chegou ao Brasil, no ano de 1968, época da ditadura militar brasileira. Nesse período, ficou numa casa de preparação (Centro de Formação Intercultural), em São Paulo, ligado à CNBB que recebia os missionários estrangeiros, com objetivo de prepará-los para a realidade que encontrariam aqui. Assim, os padres claretianos iniciaram, então, uma missão na região de São Félix do Araguaia, onde encontraram uma situação de calamidade social: violência, doenças como a

malária, prostituição e a falta de educação e saúde para as pessoas que ali viviam.

Compreender sua escrita, antes de tudo, é necessário entender sua luta. Dom Pedro, ou melhor, Pedro como gostava de ser chamado, vivia em uma casa simples a sete metros do Rio Araguaia, um lugar desprovido das coisas mais básicas, de um lado, os latifúndios e, de outros, brancos e índios sem a menor dignidade. Fez sua opção para além das funções religiosas, precisou se dedicar também à alfabetização e à mobilização social, para os camponeses e indígenas. Com isso, entrou em um conflito aberto contra os fazendeiros, contra o governo militar e contra os setores conservadores da Igreja. Inúmeras vezes ameaçado de morte. Em uma dessas ameaças, um padre foi morto em seu lugar, Pedro Casaldáliga persistiu em sua luta e se transformou em um dos maiores expoentes da Teologia da Libertação. A obra “Descalços sobre a Terra Vermelha” de Francesc Escribano (2014), uma biografia autorizada por Casaldáliga ilustra esse período:

O contraste era brutal. De um lado, uma natureza incrível, de uma beleza primitiva, especialmente o enorme e majestoso Araguaia; de outro, uma sensação de abandono total: não existia lá nem correio, nem telefone, nem energia elétrica. A prefeitura estava a mais de 700 km ao sul, em Barra do Garças. O povoado de São Félix era somente um punhado de casinhas na beira do rio. Apenas 600 habitantes, que, para quebrar o isolamento, contavam unicamente com três jipes velhos e desmantelados. Não havia um único médico em toda região. Mas ao menos tinha uma professora: uma senhora com apenas um ano e meio de estudo, que mal podia cumprir suas obrigações porque estava frequentemente embriagada. (ESCRIBANO, 2014, p .18).

Apesar das dificuldades de uma sociedade injusta, Casaldáliga escolheu aquele lugar, chamou para si as dores dos esquecidos, envolvido com seus silêncios e distâncias, começou uma luta sem recuo e sem fronteiras, com isso, atingiu a serenidade dos corajosos.

Nesse sentido, têm-se dois poetas Craveirinha e Casaldáliga utópicos que produziram dentro do contexto histórico-ideológico em que viveram, não há como dissociar de suas poéticas o meio a que pertencem, a realidade fica evidente - sociedade marginalizada - ganham voz, demonstrando a realidade desses excluídos, negando o poder político de dominação. Os caminhos percorridos

por eles, de um lado, Pedro no solo mato-grossense em busca de dignidade dos posseiros, indígenas, negros e mulheres; do outro, em solo Africano, Craveirinha nos bairros periféricos, subúrbios e nas ruas de Mafalala, em que vozes silenciadas, injustiçadas de homens e mulheres são salvas em sua escrita, pois, além do enfrentamento, há em cada um desses poetas, a construção de uma poética de conscientização, os sentimentos que os impulsionaram perpassam o fazer poético, provocam, sensibilizam e impulsionam para novas reflexões.

Literatura e Resistência

Compreender a criação literária de um poeta nunca será uma tarefa fácil, pois se estará sempre diante de dois inusitados mundos - o poeta e o poema - a possibilidade que cabe é a busca de sentidos, as relações interligadas, o percurso que os transcendem no limiar da escrita.

Sartre, quando questiona: Que é escrever?, atribui reflexões sobre as artes e como um dado momento se influenciaram pelos mesmos “fatores sociais”. O poeta é entendido como aquele que vê as palavras pelo avesso, é, por meio do contato silencioso, que acontecerão as descobertas e afinidades particulares com essas palavras. Por isso, existe a palavra vivida e a palavra encantada, uma vez que o escritor esteja engajado no universo da linguagem, não poderá sair, as palavras cumprem seu papel de se organizarem e de remeterem a um universo (transcendência): “o escritor deve engajar-se inteiramente nas suas obras, e não com passividade abjeta, colocando em primeiro plano seus vícios, as suas desventuras e as fraquezas, mas sim com uma vontade decidida, como uma escolha, com esse total empenho em viver que constitui cada um de nós” (SARTRE, 2004, p.29).

A literatura, segundo Candido (2019), é entendida como fatos associativos e, por isso, relaciona-se obra e homem, resultado de relações pessoais e pensamentos que contribuem para sua concretude. O lugar, as imagens e os valores embutidos nas produções fazem da literatura arte social e coletiva, estabelecendo comunicação entre autores e leitores.

Bosi, em sua obra, *Entre a Literatura e a História* (2015), aponta para o seguinte questionamento: A poesia ainda é necessária? A resposta é reflexiva, pelo

fato desta ter sido para a humanidade lugar de memória, afeto e “a casa do Ser”, capaz de produzir sentidos e ressignificar. Hoje, a poesia é necessária, imagens esperam por esse poeta para terem vozes e “ex-pressão”, tudo aquilo deixado de lado pela memória do cotidiano ganhará nome e alma

A poesia é ainda nossa melhor parceira para exprimir o outro e representar o mundo. Ela o faz aliando num só lance verbal sentimento e memória, figura e som. Momento breve que diz sensivelmente o que páginas de psicólogos e sociólogos buscam expor e provar às vezes pesadamente mediante o uso de tipologias. (BOSI, 2015, p.20).

Entende-se o quanto a poesia pode revelar e manifestar os sentimentos dos homens. A pesquisa, em pauta, demonstra o quanto esses dois poetas contribuíram para dar voz aos oprimidos e subalternos, mesmo pertencendo a espaços diferentes, o desejo de lutar pelo outro os impulsionaram para uma escrita engajada, política e social.

Na obra *O Ser e o Tempo da Poesia* (2000), Bosi afirma que “o poeta é o doador de sentido” (p. 163) e, ainda, ressalta que o sonho, a necessidade dos poetas é que seus escritos encontrem eco no espírito dos homens. “Eles sabem que a poesia só se fará carne e sangue a partir do momento em que for recíproca” (BOSI, 2000, p. 168).

A resistência, na perspectiva do estudioso, deve ser pensada como a recuperação do sentido comunitário de um povo, a melodia do afeto e a crítica direta, em que o poeta pode se expressar, como se pode identificar nos poemas de Casaldáliga e de Craveirinha, quando na resistência materializada em seus versos, o tempo é revivido, vozes/presenças femininas silenciadas emergem. Há esperança nas entrelinhas, diante de um futuro liberto das amarras sociais, configurando novos rumos. Eles são o que o teórico reconhece como libertos das teias das instituições, distanciaram e não reproduziram o mesmo contexto em que estavam inseridos. Pode-se afirmar que ambos os poetas teceram suas produções com fios da esperança.

Por sua vez, a narrativa lírica, quando atinge certo grau de intensidade e profundidade, supera, a rotina da percepção

cotidiana e liberta a voz de tudo quanto esta abafou ou apartou da conversa[...]É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente. (BOSI, 2002, p.135).

A resistência, como o ato de contrapor um poder imposto, passou a pertencer às artes, assim, têm-se a narrativa e a poesia de resistência. No processo de criação, os autores (poetas e narradores) podem apresentar sua própria realidade, expor seus valores e, do meio em que vivem, o ato de resistência às classes dominantes. Tanto Casaldáliga quanto Craveirinha se posicionaram contra esses grupos dominantes, a favor dos marginalizados, contrapondo todo o poder de exclusão.

Entrelaces Poéticos

Meu trabalho poético, concretamente, é ‘sobretudo la marcha’, como a gente diz em castelhano: vivendo, tocado por um momento forte, emocionado por um encontro, a partir de uma leitura, evocando, sonhando o amanhã, orando. Muitos poemas meus nasceram viajando por essas estradas e rios e sertão: a cavalo, de ‘voadeira’, de ônibus.
Pedro Casaldáliga.

Há muitas contribuições sobre os estudos da poética de Casaldáliga e de Craveirinha, que consolidam na possibilidade de novos olhares e pesquisas sobre suas temáticas. Apresentam-se, nesse percurso, ainda que brevemente, alguns estudiosos que merecem destaque e orientam como aporte teórico para possíveis leituras e novas interpretações críticas de suas poéticas.

Uma fonte de grande contribuição para os estudos do bispo-poeta é a obra *“Pedro Casaldáliga e a poética da emancipação”* (2014) de Marinete Souza e Célia Domingues Reis. Pautada na investigação do estilo de escrita de Casaldáliga, apresentam, por meio de um corpus selecionado, o percurso tendencioso de sua escrita, dessa forma consagrando-o dentro de uma escrita marcada pela originalidade. Tal afirmação está fundamentada no decorrer desta pesquisa, em

que é possível perceber, por meio dos aportes teóricos e das análises poéticas, a presença indissociável de sua “poesia plural”, um poeta formado de muitas vozes.

Pedro Casaldáliga procura fazer uma síntese, nunca conclusiva porque dialética, entre os diferentes modos de ser e estar no mundo. Seus textos sobre o ser humano e as suas motivações mostram que, para ele, o valor do eu é tão grande quanto o da comunidade; o valor das culturas locais equivale ao daquelas consideradas ao longo dos séculos como universais; compreender a espiritualidade, num contexto geral, requer que a compreendamos no contexto mais local; em suma, que o conhecimento que o eu edifica de si próprio passa pela compreensão do outro. (SOUZA e REIS, 2014, p.37).

Nesse sentido, o poeta-bispo encaminha o leitor para muitas direções e reflexões, por meio dessas fusões poéticas fica evidente a sua originalidade provinda de suas vivências, perpassam a si mesmo, diante de suas memórias e existência, para o outro, sua opção de vida e de criação. Outro crítico da escrita de Casaldáliga é o professor Edson Flávio Santos, em sua obra *“As Utopias e Resistências de Pedro Casaldáliga”* (2021), permite uma leitura com várias reflexões da escrita e do lugar (Mato Grosso) que Pedro teve grande parte de suas poesias produzidas “o autor traduziu, em seus textos, o seu próprio sentimento de mundo. Um incomodar-se ativo que não cabia só nas palavras. Os gestos de recusa ao cenário de vida atual funcionaram como uma espécie de exortação que designa a potencialidade subjetiva do poeta”. (SANTOS, 2021,21). O leitor fica diante de uma escrita considerada engajada e de resistência, constituída de sua na sua própria luta e, para aqueles, que buscam por uma leitura de conhecimento do seu legado estará, sem dúvida, diante de todos os marginalizados, oprimidos e esquecidos deste país.

Rita Chaves (1999), estudiosa de Craveirinha possibilita conhecer o poeta por dois caminhos - de Mafalala a poesia de Craveirinha ou da poesia chegar à Mafalala, as duas aproximam o leitor historicamente tanto de Moçambique, quanto das suas produções literárias. A vivência, nesse bairro, permitiu uma profundidade do seu próprio ser, os confrontos enfrentados, os marginalizados do colonialismo estavam a sua volta e fizeram dele um poeta engajado, a dor do outro passa a ser sua

Contra a reificação imposta pelo colonialismo, a poesia de Craveirinha irrompe e, entre as malhas do cotidiano, recolhe pontos com que pode oferecer outros quadros, assegurando a humanidade ameaçada pela imposição de um código hostil. A comunhão barra os sentimentos paternalistas e sua militância ultrapassa previsíveis e compreensíveis maniqueísmos. Por isso, trilhando, caminhos inesperados, pode escapar aos lugares comuns e revelar cantos insólitos do dia a dia de quem vive à margem. (CHAVES, 1999, p.146).

Os caminhos poéticos de Craveirinha dimensionam não só aspectos históricos ou geográficos de Moçambique, Fernandes e Almeida (2019) apontam questões culturais e linguísticas presentes em sua poesia. Assim, pode-se afirmar que o poeta contribui com a nacionalidade moçambicana, novas significações são atribuídas a esse povo que luta por seu lugar, sua identidade.

Craveirinha destaca um importante papel temático de origem familiar, geográfica, cultural e linguística. Ressalta ainda o espaço de valorização do negro (poeta, espaço e poesia). Seus poemas levantam críticas e propõem combate à situação imposta pelo colonialismo centrado. Esta empreitada provocou verdadeira modificação no campo cultural daquele país e serviu como caminho inspirador para vários poetas. Consequentemente, a poética de Craveirinha, pautada na transição por entre os espaços da cidade de cimento e do Mafalala, brancos e negros, e em meio ao constante trabalho com a linguagem, toma forma, a ponto de extravasar o limite local, em que a vida se materializa em matéria poética. (FERNANDES e ALMEIDA, 2019, p.339).

A temática do espaço é muito utilizada pelo poeta, em Malafafa há uma profundidade maior com sua escrita, uma junção que permite a ele meios para sua luta diante das tantas injustiças. Diante dos referenciais críticos, verifica-se que Casaldáliga e Craveirinha escrevem sobre o dia a dia, as mazelas do seu povo, dentre eles, a mulher está inserida nesse meio submissa e silenciada, como objeto explorado e violentado pela presença masculina. Os poemas analisados apresentam essa mulher, além do silenciamento a que foi submetida, não possui condições de romper com esse silenciamento, assim o eu lírico se compadece de seu sofrimento e reivindica igualdade.

Ode à Teresinha

Teresinha:

Teu rosto imaturo
com mais esses olhos munhuanenses
e o iniciado sentido de amargura
no semi-cinismo triste das tuas gargalhadas
e nos teus amulados cabelos ainda os laçarotes
cor-de-rosa nas tranças e por cima a boina branca
de um marinheiro enjoado nos sete mares de uma garrafa
E na tua hipótese de busto
os futuros seios dois mamilos nas costelas
e por essa maneira de andar como a Joana
e à gestação das violas do “Bar Luso” as violáceas
olheiras excitantes da convalescença do filho
de três meses parturiado ao oitavo
uísque-e-soda ginecológico
antes da meia-noite.

[...]

Sim Terezinha

tu menina encartada de mulher da vida aos treze anos
engatada a assobios “tsuí-tsuíuuu”
histérica e relaxada putéfia dizem os choferes
impura e bebedanas da ponta dos dedos aos pulmões
mas fértil como o leite dos mamilos deste Sol
adubo infantil nas machambas dos bares da Rua Araújo
e ao romântico xipefo da Lua nos zínco da Munhuana
tu reinventando as maldições terríveis dos xicueiros
vem comigo Teresinha, vem comigo
e drogada ou desdrogada
reabita a Mafalala!
(José Craveirinha. In: Karingana ua Karingana, 194, p. 81-83)

A Prostituta

Como uma dor transpassada de paciência
ela é morena escura.
A franja limita o olhar
com uma leve cicatriz antiga.
E uma cruz de ouro falso pense sobre o peito,
sobre os fortes lilases do vestido.
Traz o liso cabelo de índia solto.
(As bonecas baratas de meus tempos de menino eram
vestidas como ela).

Será o relógio pulseira
de um rico esportista-bandeirante?
Será de um pobre, duro, caminhoneiro?

Ela se senta no meio-fio, ausente.
Vem, na hora de comer, até a popa:
dou a ela um copo d' água
e ela retorna, discreta.

Maria Madalena, no barco de Pedro,
se sentava diante dos olhos do Senhor
e o Senhor a olhava
A ribeira é mais suave
que as cumbrucas de arroz da quinta-feira santa.
E o rio é como pintura de óleo,
debaixo das muitas nuvens descidas.

(Pedro Casaldáliga In: Fogo e Cinza ao Vento- Antologia
Espiritual, p.114)

Os poemas se interligam por suas temáticas – mulheres (prostitutas) indefesas, as duas se encontram em estado de total abandono e exclusão. Ode à Teresinha de Craveirinha, um poema longo, composto de sessenta e quatro versos, canta toda a trajetória de uma mulher, que iniciou sua vida na prostituição ainda muito menina- *“Teu rosto imaturo”, “é o iniciado sentido de amargura”* o eu lírico descreve com muita proximidade, como testemunho dessa vida marginalizada e imposta para essa menina, a descrição é impactante de uma inocência sendo apagada pouco a pouco, *“no semi-cinismo triste das tuas gargalhadas”/ “e nos teus amulutados cabelos ainda os laçarotes” / “cor-de-rosa nas tranças e por cima a boina branca”* observa-se a agressão sofrida por Teresinha, a infância (pureza) é substituída por uma vida desumana e degradante.

Teresinha prostituta de muitos homens *“marinheiros, soldados, tripulantes, estrangeiros”* da rua Salazar. Percebe-se um eu lírico que lança todas as imagens fortes (presença de substantivos e adjetivos) dessa mulher, retrata o ambiente deplorável, mas há compaixão e ele, o poeta, se aproxima, acolhe *“tu minha Teresinha”*, já doente do álcool e da nicotina. Almeida e Maquêa (2005) apresentam como Craveirinha denuncia na pessoa de Teresinha à prostituição como única forma de sobrevivência.

Como o ato do olhar que observa e que denuncia é um ato que exprime a vontade de mudança, o eu-lírico não fica apenas na observação. Ele sai do simples lugar de observador, reconhecendo-se no outro, oferece o seu ombro à Terezinha: “descansa no meu ombro cansado de cansar-se até não se cansar mais tua cabeça desfrisada a ferro”. E, com uma voz fraternal, faz uma chamada de conscientização e acolhimento: “vem comigo Terezinha, vem comigo/ e drogada ou desdrogada/ reabita a Mafalala!”. (ALMEIDA E MAQUEA, 2005, p.19).

O eu lírico compadece diante da dor de Teresinha, chama para si, em uma tentativa de consolo e abrigo. Outros nomes aparecem no decorrer do poema, a companheira das noitadas, o taxista apresentado como um aproveitador da vida de Teresinha. Ela é experiente e inocente “*tu menina encartada de mulher da vida aos treze anos*”. A sonoridade do poema está estabelecida pelo uso de assonâncias; o eu-lírico conduz o leitor por caminhos de uma vida relegada, um filho que não sobreviveu aos três meses. Mesmo conduzindo o leitor por todos lugares que Teresinha percorreu até reabitar o bairro de Mafalala, o silêncio dessa mulher é perturbador, não há inconformismo, um desejo, uma luta, ela se encontra como tantas outras, fadadas ao mesmo fim. Essa mulher - prostituta faz parte de uma das vozes que Craveirinha defendeu, tantas outras massacradas e excluídas foram acolhidas em sua poética. Segundo Paz, o poema

O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido- e nem sequer existência- sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta. As palavras do poeta, justamente por serem palavras, são suas e alheias. Por um lado, são históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo: são algo datável. (PAZ, 1998, p. 52).

Entrelaçam-se representações histórico-literárias locais na poética de Craveirinha e Casaldáliga, seus escritos permitem uma aproximação dos espaços e dos que nele vivem, espaços silenciados e esquecidos, por meio de seus poemas, essas vozes ganham significação, o desejo de libertação ecoa e instiga o lado humano de cada leitor. Vistos dessa forma, como poetas capazes de reverberar vozes, a partir de suas vivências, encontra-se o poema “ A prostituta” de Casaldáliga.

A mulher no poema de Casaldáliga se encontra à margem de um rio, no início ela já é apresentada: morena escura, liso cabelo de índia solto (*As bonecas baratas de meus tempos de menino eram vestidas como ela*), comparada às bonecas antigas, o eu lírico se aproxima dessa mulher e os leitores são posicionados dentro de uma temática - signo da mulher - presentes na escrita casaldaliana. O cenário histórico em que suas temáticas são inseridas, seu espaço (local), a leitura do poema remete a uma prostituta que faz parte de seu meio *A ribeira é mais suave* (ela vive às margens de um rio) e pelos questionamentos estabelecidos: *Será o relógio pulseira /de um rico esportista-bandeirante? /Será de um pobre, duro, caminhoneiro?* Há uma fusão desse eu lírico com seu espaço e com aqueles a quem ele defende.

Ela (a mulher observada) *se senta no meio-fio, ausente*, possui essa voz silenciada, uma mulher ausente de si mesma, do lugar que se encontra e *ela retorna, discreta* – discreta pela condição a ela imposta? Discreta pela fome que sentia? Discreta para não ser vista? O sujeito poético compara a cena por ele vivida, há uma passagem bíblica, a *Maria Madalena, no barco de Pedro*, quando ela é reconhecida como aquela que viveu a dualidade da vida: amargura e graça divina, foi apóstola de Jesus e testemunha de sua ressurreição, mas por séculos vista por muitos cristãos como uma prostituta, menosprezada, sabe-se que Madalena tem hoje um lugar de fala, reconhecida como aquela que teve liderança diante da igreja. De acordo com Faria (2020) Maria Madalena é reconhecida como uma mulher à frente do seu tempo, uma inspiração para todos, em relação a igualdade de gênero na igreja e sociedade.

A temática das águas está presente na escrita de Casaldáliga, o rio é representado por vezes como testemunha e fonte de memória, símbolo de vida, profundidade e continuidade daqueles que vivem às suas margens. O eu lírico finaliza comparando essa mulher como “suave” e o rio faz parte desse momento de calma, pintado em tela a óleo, percebe-se uma vida entrelaçada mulher/rio, um rio que está *debaixo das muitas nuvens descidas*, nuvens baixas são reconhecidas pela variação de cores e representam bom tempo (calmo) e com presença de um sol ameno. Apesar da condição apresentada dessa mulher como desprotegida e ausente de si mesma, aos olhos do eu-lírico ocorre um momento divino, bíblico, assim como Maria Madalena reconhecida pela sua conversão, esperança e salvação.

As obras de Casaldáliga e Craveirinha possibilitam “entrar no ser”, de acordo com Paz (1998), as palavras utilizadas por um poeta são essas que pertencem a si mesmo, mas também ao outro (povo) para depois transcender. Por ser o poema constituído de história, experiência de um tempo ou lugar, percebe-se a criação literária desses poetas situada dentro de um espaço e meio social, por mais que essa voz poética tenha sido por vezes silenciada “para ser presente o poema necessita se fazer presente entre os homens, encarnar na história” (1998, p.53), eles a encarnam e dão a ela voz e vida, porque não se trata de uma escrita para recriar o momento, mas, sim, para ser fonte de revelação, registro, resistência e liberdade. Para Paz todo poema é coletivo, há muitas interferências premissas ou não de quem os escreve e, somente, em nossas leituras - público que, de fato, ocorrerá a sua concretização, sua total significação.

Por ora, é possível afirmar que suas temáticas aprofundam sobre o local e se ampliam em sentido universal e, nelas, a condição humana, em forma de denúncia, rompe, além das angústias do autor. Permeiam em seus versos os excluídos, sejam as famílias mato-grossenses exploradas, sejam os moçambicanos que lutam por independência, todos vivem os mais diversos dilemas sociais, são seres fracassados, que buscam uma identidade, muito mais que um lugar para viver. Uma luta efêmera que não cessa, estado de sofrimento, de dor, de isolamento.

Considerações Finais

As leituras sobre Craveirinha e Casaldáliga não se findam, após a realização das análises poéticas de seus versos, a sensação de incompletude é algo que instiga novas buscas. Mesmo diante de um longo caminho, propiciado por suas temáticas, é possível afirmar que os estudos de outras vozes silenciadas em torno de suas escritas podem ser realizados, hoje, pode-se afirmar que esses poetas dialogam com tantas outras vidas, que continuam na busca por um lugar (espaço), por uma identidade e uma vida digna.

Diante da análise dos poemas, voltados para a mulher (vozes silenciadas) – fica evidenciado a íntima ligação existente entre esses poetas e a escrita da ação, de humanização, mesmo situados em lugares distintos, Casaldáliga e Craveirinha proporcionam uma expressividade, por meio de suas escritas ou por meio de suas duras críticas à situação degradantes ou/das duas mulheres prostitutas

nesses espaços de segregação e falta, escancaram a dura realidade de um povo e sonham com futuro mais digno, por meio de uma escrita em que a utopia é um dos elementos, já que ambos clamam por justiça social, por vidas relegadas e esquecidas.

Pedro e Craveirinha estão para além de suas obras, seus legados literários foram construídos pelo valor humano e, não somente, estético. A forma como cada um deles lida com os conflitos sociais de um povo sensibiliza e provoca novos olhares. O comprometimento de suas poéticas cercadas de esperanças, lutas e resistências revelam um chamamento para todos aqueles que acreditam em uma vida justa e humana, esses poetas revelam a força da literatura como promotora da humanização, assim fizeram da palavra uma aliada- poesia e vida. Por meio de ideais semelhantes suas poéticas refletem um desejo latente por uma sociedade mais justa.

Referências

ALMEIDA, M; Maquêa, V. **José Craveirinha e Mia Couto: utopia e construção do espaço nacional em África**. 03 ed. Cáceres. Unemat, p.16-23 jun.2005.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. São Paulo: Martins, 1971.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CANDIDO, Antônio. **O Estudo Analítico do Poema**. São Paulo: Editorial Humanitas, 2006.

CASALDÁLIGA, P. **Antologia Retirante**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CASALDÁLIGA, P. **Águas do tempo**. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989.

CASALDÁLIGA, P. **Versos adversos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CASALDÁLIGA, P. **O tempo e a espera**. Cuiabá: Entrelinhas, 2022.

CHAVES, Rita. **José Craveirinha, da Mafalala, de Moçambique, do mundo**. Via Atlântica: Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, São Paulo, n 3, p. 140-169, 1999.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

ESCRIBANO, Francesc. **Descalço sobre a terra vermelha: A vida do bispo Pedro Casaldáliga**. 2. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2014.

FARIA, Jacir de Freitas. **O amor na vida de Maria Madalena: uma mulher além do seu tempo e não prostituta**. Franciscanos, 2020.

Disponível em: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/o-amor-na-vida-de-maria-madalena-uma-mulher-alem-do-seu-tempo-e-nao-prostituta/#gsc.tab=0>. Acesso em 09 de agosto de 2022.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Ulisséia, 1961.

FERNANDES, V; ALMEIDA, M. **José Craveirinha e a declaração da identidade moçambicana**. Rio de Janeiro n. 42, p.338-351, jul.-dez. 2019.

MAGALHÃES, Hilda. **História da literatura de Mato Grosso: Século XX**. Cuiabá: Unicem publicações, 2001.

MENDONÇA, Rubens. **História da literatura mato-grossense**. 2. ed. Cáceres: Ed. Unemat, 2005.

MENDONÇA, Fátima e SAÚTE, Nelson. **Antologia da nova poesia moçambicana**. AEMO, 1989.

PAZ, Otávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Otávio. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

PAZ, Otávio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História de literatura brasileira**: prosa de ficção: de 1870 a 1920. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1988.

SANTOS, Edson Flávio. **As utopias e resistências de Pedro Casaldáliga**: escritos escolhidos. 1. ed. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato, 2021.

SOUZA, M. F. L. REIS, C. M. R. **Pedro Casaldáliga e a poética da emancipação**. *Cuiabá*: EdUFMT, 2014.